



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, POR RAPAZES

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E PROPRIET.

Casa do Gaiato do Pôrto
(Cete) PAÇO DE SOUSA

Director e Editor
PADRE AMÉRICO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Tip. da Casa Nun'Alvares
R. SANTA CATARINA, 628—PORTO

De como nasceu a Casa do Gaiato do Pôrto

TRAZIA a imaginação ocupada com o Convento de Arouca, para fundar ali uma réplica fiel á Casa do Gaiato de Coimbra, sita em Miranda do Corvo.

Quatro anos de vida naquele organismo social, ensinaram-me a transformar o pequenino farrapo das ruas com simples mesinhas caseiras, a saber: muito pão, muito sol e muito carinho. Como não tivesse em Miranda possibilidades de aumentar, lancei as redes ao largo, como fez o Pescador, procurando novas paragens, sob o sinal da Cruz. Arouca fica longe da cidade, o pior mal da criança desamparada precisamente porque nela, acha os seus amores.

Quiz indagar da sua posição jurídica e pedir o Convento a quem de direito.

Fiz alto em Paço de Sousa. Alguem que sabia do negócio pergunta:

—Porque não fica por aqui?

O Convento de Paço de Sousa, antiga morada de frades beneditinos, tinha sofrido um incêndio em 39 e fôra abandonado pela Junta de Província do Pôrto. Havia ali unicamente um funcionário, mai-los caseiros. Escrevi quatro linhas para Lisboa.

—Que sim; fale com o Governador Civil.

Levei seis mêses a limar arestas da burocracia. O Código diz que se deve prestar contas, eu dizia que não, e nisto se gastaram tempo e solas até à hora do triunfo. Ele há-de vir tempo, e já cá anda, em que as leis darão lugar a outras leis, como logicamente exige o sangue que se tem feito!

Tomei posse nos fins de Abril do ano que findou, na presença dos Magistrados, com as palavras do estilo. O diploma concede-me amplos poderes de fazer e de acontecer, mas dinheiros, não. Os obreiros do Evangelho, sempre procuraram e amaram outros valores, pelo que são muitas vezes cognominados de loucos.

Mas eu necessitava de dinheiro. Uma brigada de operários começara a demolir o extenso dormitório dos frades e a carrear a pedra para o local da Aldeia dos Rapazes. O arquitecto Teixeira Lopes, já tinha risbado o pensamento que eu lhe confiara: —Casas de família para 7, para 12 e para 15 pequenos. Edifício das

escolas, das oficinas. Capela. Enfermaria. Piscina. Balneário. Jogos. Campos de flores—Beleza e Amor, ao serviço da educação. Terreno adequado, onde cada um deponha as armas de vadio e tome as do trabalho. Precitava de dinheiro, sim.

Tirei bilhete para Lisboa. Ouvira falar no Engenheiro Duarte Pacheco; sabia que Ele era Ministro da Nação. Bati á porta do seu Sub-secretário. Revelei, apaixonado.—Fale ao Ministro.

Marcou-se dia e hora.

—300 contos, meu senhor. Não se trata de obras públicas. A Casa do Gaiato não é ponte nem é cais. É uma obra social para os vadios do Pôrto, que os portuenses vão eustear. Porém, quando chegar a hora de me apresentar, a dizer com ver-

dade o que se tem feito e a pedir com justiça o que me falta, nessa data, disse, quero mostrar obra feita, para que me escutem. Para isso peço este dinheiro.

—Sim; tome lá.

—Talvez não possa ser tão facil, Senhor Ministro, se eu declarar que não posso prestar contas.

—Nem deve.

O Ministro cumpriu. Eu tambem. E' chegada a vez do Pôrto.

Tenho pedido nas igrejas, nos teatros, nas ruas, nas casas particulares, e tenho recebido, sim, mas as somas dispendidas são astronómicas. O não prestar contas, não quiere dizer que as não faça ou que as não mostre; podes examinar. Eu preciso de rasgos e sobretudo de muita compreensão da parte dos homens que me podem auxiliar.

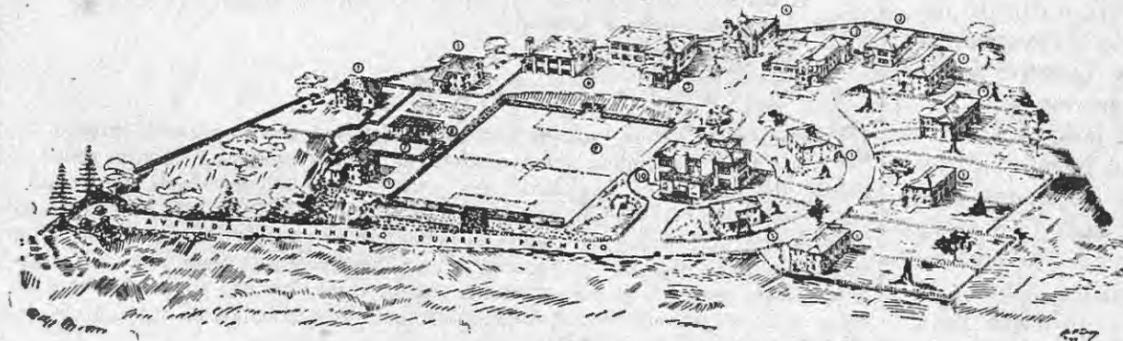
Para este ano corrente, dentro do plano geral, quero levantar mais algumas casas da aldeia, instalar luz nas já construídas, rasgar a grande avenida de acesso, proceder aos esgotos, conduzir água de 2000 metros de distância. Sem falar no vestuário e alimentação de muitas dezenas de pequeninos, já instalados.

Para que se saiba

Muita gente cuida que as "Casas do Gaiato", são cópia dos trabalhos do P.º Flanagan. Podiam ser. As coisas boas são de imitar. Mas não são.

Quando aí apareceu a celebre lita "Homens de Amanhã", já a "Casa do Gaiato de Coimbra" tinha dentes e comia pão. Foi então que se escreveu uma carta àquele sacerdote, irlandês de nascimento, e que êle respondeu na volta a recomendar-me que fôsse sempre muito amigo da creança das ruas, "homeless boys".

Ora eis.



Beleza e Amor ao
serviço da educação

APARECE hoje "O Gaiato" e regressa no terceiro domingo do mês, à mesma hora, e assim por diante, todos os 1.º e 3.º até ao fim do mundo.

Em Coimbra, é vendido nas ruas pelos Gaiatos de Miranda, que já os temos maduros.

No Pôrto, assim será, com os de Paço-de-Sousa, mas por enquanto estão verdes.

Em Lisboa, é o próprio Ardina da "Casa do Ardina" quem vende e guarda a comissão para fundo da Obra deles.

Assina e manda assinantes e que cada um diga com quanto deseja subscrever.

Sê revolucionário... pacífico. Se Salazar diz que a revolução tem de continuar, enquanto houver uma casa sem pão, — que dizer dela, enquanto houver uma Creança sem casa! E há mundos delas.



Visita de Amigos

O Ex.^{mo} Sub-secretário de Estado da Assistência Social, foi nossa visita muito grata, em o dia 16 de Fevereiro.

O Ex.^{mo} Senhor Dr. Deniz da Fonseca, fazia-se acompanhar do seu secretário particular, Senhor Doutor Manuel Vasco. Também vinha o nosso Governador Civil, à direita do representante do Governo; o Conego Senhor Doutor Corréa Pinto e a Imprensa.

Fomos encorajados a levantar um pavilhão para cem, de entre os muitos pequenos dos caminhos, absolutamente anormais, incapazes de educação. Já vieram ter alguns a Paço-de-Sousa, guiados pela mão de quem os deseja entregar. Ficamos sempre apavorados; mas agora, não!

Ditosa nação que ampara, encoraja, dá meios de vida às iniciativas particulares. Se não fôsse já lugar comum a frase de Salazar eu havia de dizer que a Revolução continua.

ATENÇÃO

O "Pão dos Pobres" é um livro do Padre Américo, que já vai no 3.^o volume, alguns dos quais em 2.^o edição. Nêle se conta de como nasceram as Casas do Gaiato, de como nós deixamos cair o Pobre e de como Ele se lamenta.

Da que nos é preciso

Para dizer num instante toda a verdade, nós temos necessidade de tudo quanto vai da letra A ao Z, mas não se conta que tu dê tudo, não senhor. Os mais, também hão-de dar. Esta obra é de todos os portugueses, nomeadamente dos portuenses, que teem na fama a generosidade de comerem tripas para dar a carne. Se as Casas do Gaiato houvessem de perecer, isso seria a banca rôtã social dos tempos presentes e nós, a massa falida. Mas não.

As cartas que diariamente se recebem dos quatro ventos do País, com dolorosos S. O. S. O pequenino que vem pelo seu pé rogar abrigo. O amen dos homens de inteligência e de coração e acima de tudo o pavoroso desmoronar do mundo, feito do desmoronar destas vidas inocentes,—tudo isto é fundamento onde a obra se segura.

Roupas usadas dos teus filhos, quer do corpo quer da cama. Fatos da Mocidade, à medida que vai passando a mocidade. Qualquer coisa com que possamos cobrir os Nús e que traga ainda nos fios o calor dos teus mais queridos. Nós não usamos nem queremos uniformes. Somos uma grande família e como sucede nas casas pobres, vestimos os filhos do que calha. Remenda, dobra e en-

trega o pacote da tua mão no n.^o 54 dos Clérigos, que tudo vai dar a Paço-de-Sousa. Se o fizeres pessoalmente, à maneira que fôres topando nas ruas a creança sem destino, podes dizer baixinho: «quem sabe se esta roupa não vai cobrir o teu corpo, meu filho!» Saboreia a felicidade que Jesus canonizou.

Deixa ficar no mesmo depósito uma telha, uma pedra, um barrote, um tejo, qualquer coisa que dê para construções, ou dinheiro para adquirir.

Vai ao Banco do Espírito Santo, pergunta pela conta da Casa do Gaiato das Ruas do Pôrto e abre sinal. Não esperes pelo Deixo da hora derradeira que isso fazem os pagãos. Dá agora e vive a vida.

Aproveita a hora que passa; caminha enquanto há luz.

Ele há ainda tanta gente no mundo que nesciamente se ocupa de ver como há-de alargar para recolher, quando o verdadeiro problema está no poupar, para distribuir!

RELAÇÃO DOS ACTUAIS HABITANTES DA

Casa do Gaiato do Pôrto

Não têm numero; têm nomes que são:

	IDADE	NATURALIDADE
António	14	Celorico de Basto
Amadeu	11	Elvas
Julio	12	"
Carlos	13	Tabua
Pepe	?	Espanha
Luciano	13	Coimbra
Fernando	11	Leiria
Camilo	14	P. Varzim
José	14	Coimbra
Torcato	9	V. Meã
António	12	Granja
Maximiano	12	"
Rui	9	Abrantes
Francisco	8	"
José	10	Pôrto
José	9	P. Varzim
Carlos	12	Lisboa
Constantino	13	Coimbra
António	15	Anadia
José	10	Mondim
Valdemar	6	S. J. da Madeira
José	9	O. de Azemeis
Angelo	12	Pôrto
Fernando	12	"
Augusto	11	"
Miguel	11	"
Miguel	15	"
Avelino	13	"
Manuel	14	"
João	13	"
António	9	"
Manuel	10	"
João	9	"
Mario	12	"
Domingos	11	"
Manuel	8	"
Amadeu	12	"
Alberto	9	"
Amadeu	13	Covilhã
Manuel	6	Pôrto
Manuel	9	"
António	13	Penafiel
Fernando	10	Pôrto
Alfredo	11	"
António	12	"
Luiz	10	"
José	13	Gaia
Manuel	7	Pôrto
José	8	"
E. nesto	7	"
Joaquim	11	"

Notícias Diversas

SAIBAM todos quantos estas regras lerem, que o chefe dos gaiatos da Casa de Paço de Sousa tem apenas 14 anos feitos. Chefe, na nossa doutrina, quer dizer servo da Comunidade.

E' êle quem parte e distribue na mēsa, êle quem deita e vela nos dormitórios, êle quem atende e compõe demandas, êle quem cose a fornada do pão. Tal como nas leis da natureza, o *simile cum similibus*, também aqui dá muito certo. Todas as casas de educação da criança da rua, deviam actuar por meio da criança e intervir raras vezes. Orientar não é deformar.

O pêso do critério dos Maiores, da opinião, da disciplina, do castigo, da incompetência—tudo isto desorienta e revolta êstes pequeninos sēres. Tem a gente de se tornar criança se quizer conquistar um por um, e jãmais pretender que êles sejam homens antes do tempo.

A natureza não caminha aos saltos. Oh! segrêdo divino de amar o que não presta, para que venha a prestar.

O Carlos de Tábua, mai-lo António de Celorico, são da cozinha. Sucede que as nossas galinhas andam agora na franca postura, por entre rimas de silvas, de lenhas e de palha. Ao cantar de qualquer delas, desata um e por vezes os dois à porfia a vêr quem há de trazer o ôvo—*eh pá, que quentinho!*

Logo que chega á conta de haver um ôvo para cada rapaz, temos um prato de grão com seu ôvo cozido. E' um delirio! Muitos vem às nossas casas, hoje dêles, comer ovos pela primeira vez na vida! Com tão pouco se contentam êstes filhos de ninguém, aos quais, não sei por que hulas, se acordou em que não precisam de talher.

O José do Pôrto, foi nomeado procurador, e vai á cidade aviar recados de pouca monta sempre que é necessário. Tem de ser avisado uma hora antes da partida, porque se fôr de véspera não dorme e se fôr antes da refeição, não come! Anda na Casa dos dez. Vai sempre na aprumada, com roupas que nos dão. Os antigos companheiros de vadiagem fazem-lhe mil perguntas á saída de S. Bento, espantados:—*O' coiso, tu estás bestial.*

AS obras da nossa aldeia prosseguem. Começam os vagons a despejar em Cête material por grosso. Gastam-se somas astronómicas; surgem dificuldades a cada momento, mas o rei não manda chover nem a gente, na marcha, se pode abrigar.

O Camilo e o Constantino e o Sergio e o Pepe são trabalhadores da quinta e muito amigos de andar com os bois, aos quais fazem infinitas meiguices e dirigem palavras carinhosas; êles, que só sabiam dantes o palavrão das ruas!

De

C

Onde não
senão sôme
Jesus d
Corações,
não acredi
hoje ainda
Deus. Pois
procede toc
humanas.
são comer
ciantes.

A Casa
de amor. V
gúrio, onde
prou-se pa
sou-se em
estância de
Casa de i
como é co
oficiais. O
ao médico
vivenda, de
paninhos qu

Porém,
vilha das
mão á rec
der o resp
pessoa e ao

O número
piamos com
1940, e n
estavamos
não é consi
que chega;
alma, que a
Na prim
Mira em re
Se resolver
gação e pas
velho. Com
dêle, mai-lo
E' muito
redes-solta,
que exclue
prisão.

As nossa
justiça e a v
á criança o
Durante os
que a casa
quantas dez
ram voluntã

O nosso
mais; não o
se prendem.

Temos ca
mendos. Qu
eis o maio
quem sôme
maior das p

O pequen
ção. Trabalh
oo, comeu p
Os mais
velmente. N
mundo do
vontade, rec
que lhe pare

—O' coiso
—Sim, res
quando trab

Ora a ju
verdade de
eala na al
convicta da
de vadiozito
dores.
A's vezes
ehorar.
—Que ten
—Vou cor
—Porquê?
—Porque

De como nasceu a

Casa do Gaiato

DE COIMBRA



O Gaiato feliz, parte e reparte do que tem

Onde nascem as obras humanitárias, não sòmente no coração dos homens? Jesus de Nazaré, Rei e Centro dos Corações, foi tão homem que muitos não acreditaram naquele tempo, nem hoje ainda acreditam, que Ele seja Deus. Pois é unicamente d'Ele que procede todo o valor divino das obras humanas. Sem Ele, as mesmas obras são commercio e os obreiros, negociantes.

A Casa de Miranda, é um reduto de amor. Voio da experiência do turgório, onde a criança enxameia. Comprou-se para ela uma quinta e pensou-se em dar-lhe forma e função de estância de repouso. Daí o nome de Casa de Repouso do Gaiato Pobre, como é conhecida, em instrumentos officiais. O pequenino era apresentado ao médico responsável, conduzido á vivenda, deitado no leito e tratado com paninhos quentes.

Porém, cedo se descobriu a maravilha das sopas de leite, e deu-se de mão á receita dos Médicos, sem perder o respeito que se deve á sua pessoa e ao seu muito saber.

O número de garatos sobe. Princípios com três dêles, em Janeiro de 1940, e no fim daquele mesmo ano, estavam na casa das dezenas. Já não é considerado doentinho o catraio que chega; é antes um doente da alma, que se cura com trabalho e pão.

Na primeira semana, é hospede. Mira em redor; informa-se; decide-se. Se resolver ficar, marca-se-lhe obrigação e passa ás mãos do irmão mais velho. Começam então os trabalhos dêle, mai-los de quem orienta.

E' muito difícil obrigar o rapaz de redea-solta, sobretudo em uma casa que exclue absolutamente castigos e prisão.

As nossas armas são o carinho, a justiça e a verdade, alimento adequado á criança do solavanco do mundo. Durante os quatro anos de existência que a casa tem, só 4 nos fugiram e quantas dezenas dêles se não prenderam voluntariamente á Obra!

O nosso carcere é ás avessas dos mais; não os prendemos; são êles que se prendem.

Temos castigos morais, alguns tremendos. Quem não trabalha não come, eis o maior de todos—não comer, quem sòmente aspira a comer; a maior das punições!

O pequenino chega da sua obrigação. Trabalhou, comeu. Trabalhou pouco, comeu pouco. Nada, nada.

Os mais refilões, protestam adoravelmente. Nada mais encantador no mundo do que observar o garoto á vontade, reclamar espontaneamente o que lhe parece ser seu:

—O' coiso, dá cá mais!

—Sim, responde o irmão mais velho; quando trabalhares mais, comes mais.

Ora a justiça deste acto, junta á verdade de que todos são testemunha, eala na alma da criança e torna-a convicta da sua falta. É assim passam de vadiozitos á classe de trabalhadores.

A's vezes topa-se um ao longe a chorar.

—Que tens tu?

—Vou comer pouco.

—Porquê?

—Porque trabalhei pouco!

Que esforço não faz sobre si esta criança, para vencer a força da vadiagem e conquistar, com lágrimas, o amor ao trabalho?

Ai! que se tu soubesses a beleza espiritual que vai escondida na dobra dos farrapos desses nobres farrapões!

Vícios que trazem, delitos que cometem, nunca nada disto se lhes lança em rosto. Eles é que hão-de dar fé, achar a própria consciência, conhecer o seu valor, amar-se, possuir-se. Alguns há que veem espontaneamente dizer eu cá roubava, arrependidos, fruto natural e lógico desta forma de educar. O amor do Pai é que trouxe á casa paterua o filho pródigo, nem Ele lhe lançou jámais em rosto a sua enorme ingratidão. O Evangelho é de hoje e é sempre lição.

A sineta da casa, marca o tempo. Nos trabalhos são monjes. Nos recreios, garotos, com as clássicas rixas e narizes partidos. De uma vez, um certo senhor ia visitar a casa, mas como quer que entrasse na portaria e notasse silêncio, foi se embora:—*andam em passeio*. Pois não andavam, não senhor. Estavam em casa 27 gaiatos, cada um no seu posto!

Da Comunidade de Miranda, saíram os pioneiros de Paço de Sousa, e estamos a trabalhar actualmente na formação dos que hão-de tomar a responsabilidade da ordem, quando fizermos a nossa entrada solene na gloriosa «Aldeia dos Rapazes». Vamos habitar sete moradas, das dezoito do plano geral.

Temos de formar sete dirigentes.

RELAÇÃO DOS HABITANTES DA

Casa do Gaiato de Coimbra —

	IDADE	NATURALIDADE
Manuel	5	Anadia
João Mário	17	Louzan
Luís	14	Coimbra
Leonel	10	Coimbra
Joaquim	12	Coimbra
Adriano	11	Tomar
José Luiz	?	?
Alfredo	7	Miranda
Augusto	4	Alentejo
Jorge	?	?
Antonio	8	Coimbra
Venuncio	?	?
Umberto	12	Covilhã
José	12	Covilhã
Manuel	11	Coimbra
Carlos	10	Porto
Francisco	14	Arganil
Fernando	7	Coimbra
Luiz		
Carlos	12	Fig. Foz
Pedro	12	Fig. Foz
José Luiz	7	Louzan
Fernando	5	?
Alfredo	12	Manteigas
Carlos	10	Alentejo
José	8	Miranda
João	12	Fig. Foz
Albino	14	Coimbra
João	12	Coimbra
António	16	Coimbra
António	12	Cête
João	12	Lisboa
José	10	Coimbra

Alguns dêles vem pelo seu pé, envelhecidos, mordidos dos cães, cobertos de vícios e de piolhos. Outros, acham-se a gente nos caminhos, e são verdadeiros achados.

ESTE NÚMERO DE
"O GAIATO"
FOI VISADO PELA
COMISSÃO DE CENSURA

BREVES NOTÍCIAS

O Leonel de Coimbra e o António de Cête, fazem anos em Março; festas felizes aos dois Gaiatos.

Os cozinheiros são o Luiz de Coimbra e o Francisco de Arganil, muito competentes e pontuais. A hora regimental, toca a sineta a lavar mãos e daí a nada, fumeza a sora na mesa. Há sempre grande curiosidade em saber o que há para comer—eh pá, que é para o conduto; mas eles dão se ares de importância e fazem calzinha.

O dispenseiro é o João dos Olivais. E' cargo disputado, pelo prestigio sobre a grei. Ele tem na mão a faca e o queijo, e se algum gaiato lhe fizer mal, paga-as lódas no partir do pão.

O Zé Carlos de Montemor e o Adriano de Tomar, são serventes de mesa; porém, o partir das rações, é da conta do Chefe.

Os chefes das nossas casas, são simultaneamente os fabricantes do pão. Isto dá-lhes uma força extraordinária, no concêto da malta. E' êle quem faz e dá o pão. E' o verdadeiro amigo!

O Chefe de Coimbra, era o Gaiato mais enladrado. Tanto, que apareceu

acompanhado por dois guardas civis, com um relatório tenebroso. Tinha então 13 anos de idade, considerado um elemento perigoso para a sociedade, como rezava a folha. E talvez o fosse. Hoje é êle quem tem a voz na comunidade. Assim se furtam homens ao banco dos réus.

O Carlos do Porto, é o das capotras, e cumpre com amor. Não deixa escapar um óvol. Há dias, estava em grande discussão com o pequenino Augusto, por causa de uma pata, que o inocente segurava nas mãos com violência. Que fôra?

O Carlos tinha retirado um ovo de debaixo da ave e o Augusto queria que ela puzesse outro para êle!

O Zé Maria da Covilhã e o «Bucha» de Miranda, são os roupeiros. «Bucha» é alcunha. Estes garotos são verdadeiramente centilantes no pôr nomes. Os que eles trazem das ruas, são quasi sempre desqualificados, e como tais proibidos, mas logo inventam outros, que são uma autentica definição.

O roupeiro, toma conta da roupa, guarda nas calzas e distribue aos sábados. Um que chegue de novo, depois do banho do estilo, dirige-se imediatamente a êle, para ser vestido. Gosa de muita popularidade e todos the andam a jeito, para que o rapaz lhes dê as cores de que mais

gostam; olha lá, dá-me antes aquela camisal Não queremos uniforme.

O Leonel de Coimbra, é o pequenino recoveiro dos recados á cidade. Tem história. Este pequeno não se adaptava e todos os dias insistia: quero ir embora. Nostalgia das ruas.

Um dia, confluou-se-lhe dinheiro e mandou-se a Coimbra aviar um recado, e que depois podia seguir. O pequeno foi. Trouxe compras e contas. Sentiu-se importante e sublime. Nunca mais pensou na vadiagem!

Senhores pedagogos; queimai os tratados, que está tudo errado. Quem quiser saber pedagogia, há-de estudar no próprio educando. Cada um é uma página diferente e todos, fazem um livro.

O João Carlos de Lisboa, fez há dias uma avaria digna de registo. Este rapaz é intelligentissimo e audacioso. Tem onze anos. Eis o caso: Era preciso um recado de Coimbra. O comboio passara, e só temos um por dia. E agora? Vou lá eu!

Estava conosco há um mez. Não sabe caminho nem carreira. Deu-se-lhe um salva-conduto, meteu-se a caminho, intermerato. Sete horas depois, dava fundo em Coimbra. São 27 quilómetros. Estes são os homens de amanhã!

O PREÇO DO JORNAL

NÃO se trata de uma empresa, nem havemos jámais de ser chamado a contas, para presta-las e dividir lucros; não.

Trata-se, sim, da coadjuvação de todos os portugueses num negocio que interessa a Portugal.

São dez tostões, para dizer á moda dantes, ou um escudo, se preferer ser actual. Nós temos necessidade de milhões dêles.

Há uma data de edificios a construir dentro dos muros da ALDEIA DOS RAPAZES e para já, é urgente levantar do nada a Casa das Oficinas, mal-la Enfermaria.

Os Rapazes que chegam a Paço de Sousa, começam de abrir vocações e pedem officios. A Obra tem de responder a êstes actos de intelligência; precisamos de officinas e de ferramentas.

Entre os arrilhados, há os que chegam batidos do tempo e dos homens, tristes, infelizes, magoados. A Obra deve responder a êstes estragos humanos. Necessitamos de uma enfermaria.

Temos de construir com nadinhas mendigados de porta em porta, que os grossos capitais, êsses ocupam-se de coisas mais «serias»; querem mais capital, mais, mais!

Faz pena. São doenças do espirito. E' miséria doirada.

Também se conta com assinaturas em todo o País, de uma soma nominal que tu podes elevar a muito mais alto, segundo a simpatia e a compreensão da Obra. E' uma modalidade da classica subscrição para obras de assistência social.

Compra. Assina. Arranja assinantes.

PARABENS

Nos mezes de Janeiro, fizeram anos o António da Granja, o Maximiano de Abrantes e o João Maria do Pôrto.

No mez de Fevereiro, fez anos o António de Penafiel.

No mez de Março, o José de Oliveira de Azemeis.

Dia de anos nas Casas do Gaiato, quere dizer dia de festa. Os pequenos armam em arco e todos anseiam a hora da refeição melhorada, sendo costume haver renhido empenho, de quem há-de rapar o tacho do arroz doce!

De uma vez, entrou um vadiozito justamente no dia de anos de um outro que também o fôra.

—Andas com sorte, diz-lhe o irmão cozinheiro; vais comer arroz doce,—olha.

—Oh!, isso não é para nós, exclamou.

A tal ponto estamos desacreditados por muito afastar de nós esta sorte de creanças!

Se tens a verdadeira devoção do garoto dos caminhos, manda pelo correio a tua prenda de anos, a qualquer dos acima nomeados. Escreve-lhe duas letras com o teu próprio punho. Chama-lhe amigo, que fazes um amigo no mundo. Ele é tão doce amar a creança que tem fome e sede de amor! E cumpres assim o mandamento de Jesus de Nazaré.

De como nasceu o

Lar dos Pupilos

dos Reformatórios

EU era ao tempo assistente do Refugio da Tutoria de Coimbra. Três rapazes saíram de lá, por limite de idade e vieram ter comigo a pedir que os amparasse. Eu também não tinha casa; dormia num quarto do Seminário, por esmola do meu Prelado. Eramos todos pobres.

Acontece que veio a Coimbra o actual Director Geral dos Serviços Jurisdicionais de Menores, Doutor Eurico Serra. Procurei-o para falar.

—Senhor Doutor, o meu trabalho de Assistente Religioso, rende muito pouco.

—Sim, eu sei. Vamos remodelar a questão dos salários, e vê se lhe podemos dar mais alguma coisa.

Só então é que eu dei fé que era um triste funcionário do Estado! Expliquei respeitosamente o significado daquele *rende muito pouco*. Conte a história dos três moços. Abri horizontes. Pedi que me deixasse trabalhar.

—Ande para a frente.

Aluguei uma casa por 300 escudos, em um dos pontos mais belos da formosa cidade de Coimbra, e o dia de ano novo de 1940, viu á nossa mesa de jantar um pequenino grupo de quatro. Outros vieram-se juntar a nós, naufragados. Meses depois, mudavamos para um prédio de 600 escudos de renda e o mesmo dia do ano seguinte, juntou 24 Pupilos no pequenino banquete, com um Perú que alguém deu. Obras de amor não se fazem com dinheiro. Os orçamentos não cabem dentro delas.

Precisamente como nas Casas do Gaiato, também aqui vale a nossa divisa: *Obra de rapazes, para rapazes, por rapazes.*



Olhos sujos do panorama das ruas, nunca apreciaram, como agora, a beleza de Coimbra

O Maioral, um dos do Reformatório, é verdadeiramente o chefe, com voz de comando e missão de servir. A própria governante da casa, está sujeita e presta contas diariamente das despesas que faz.

Todas as licenças e necessidades dos Pupilos passam pela mão dêle. Os avisos em Comunidade, são escutados em silêncio, respeitosamente.

O Assistente Religioso do Lar, que come á mesa e vive com os Rapazes, não interfere directamente, a não ser em casos muito graves. Toda a sua arte está em saber agachar-se por detrás do Maioral e fazer dele o seu porta-voz.

Se o Assistente entra mais tarde no Refeitório, ninguém se levanta, a não ser o Maioral. Se é este quem entra, todos se levantam, menos o

Assistente. Assim se respeita a autoridade.

Até á data, passaram pelo Lar 56 Pupilos dos Reformatórios. Alguns tem havido que não suportam o clima moral e desistem, o que de maneira nenhuma condena a obra, antes afirma o mistério que o homem é. São valores invertidos. A maioria, porém, aproveita.

Um só que fôsse, valia bem os trabalhos do Lar. A gente não sabe nunca o bem que faz—nem o mal! A altura dos Corpos, é a dimensão mais difficil de tirar e é nela, precisamente, que se encontra toda a grandeza.

Das diticuldades que esta obra oferece, não é bom falar a ninguém. O rapaz do Reformatório, traz opinião e convicções. Aqui, o trabalho doloroso está justamente no destruir males de raiz.

De uma vez, fui dar com o Maioral debruçado no leito, a chorar.

—Que tens tu, rapaz?

—Oh! tire-me deste lugar, que eu não posso mais! Não o tirei e foi reeleito. E' justamente nestes trabalhos, a defender causas justas e honestas, que os homens se fazem santos e são *homens*. Por caminhos ásperos é que se vai bem, di-lo o Evangelho. Sou sósinho. Não tenho concorrentes. Ninguém pede alvarás para estas empresas. Dá pena!

Aqui há tempos, um certo senhor Doutor quiz muito o meu auxilio junto de um Ministro da Nação, para obter um alvará de ensino.

—Ande padre; o seu pedido vale.

—Mas V. Ex.^a não necessita de alvará. Se tem a paixão do ensino, deixe a barca e as redes e venha mais eu ensinar. Temos todas as licenças.

Foi-se embora. Não por ser rico, como era aquele moço que Jesus convidou, mas sim porque desejava sê-lo! Ainda se não deu conta de que, a condição essencial de fazer algo de grande no mundo, é precisamente renunciar a tudo, tudo, tudo, quanto êle oferece. O Mestre teve infinito cuidado em preparar a sua primeira gente, e mandava os obreiros sem nada, a conquistar. Quem me dera ter visto as malas de Francisco Xavier!

Nomes, profissão e idade dos actuais habitantes do Lar

Manuel	19 anos	Carpinteiro	Ref. S. Fiel
José	16 »	Serralheiro	Tut. Coimbra
Ricardo	19 »	»	Ref. S. Fiel
Herculano	22 »	»	Tut. Coimbra
José	19 »	Oleiro	»
Jorge	19 »	Emp. Comercio	S. Fiel
José	18 »	Alfaiate	S. Fiel
Herlander	18 »	Estudante	Ref. Caxias
João	23 »	Sapateiro	»
José	19 »	Serralheiro	»
José	22 »	Cozinheiro do Lar	»
Manuel	17 »	Serralheiro	Tut. Coimbra
Francisco	18 »	Carpinteiro	Ref. S. Fiel
Guilherme	17 »	Pintor	Tut. Coimbra
Manuel	19 »	Serralheiro	»
Olimpio	19 »	Alfaiate	S. Fiel
Carlos	19 »	Tipografo	Tut. Coimbra
Manuel	17 »	Pintor	Ref. S. Fiel
Manuel	20 »	Emp. Comércio	Colonia V. Fernando
António	16 »	Carpinteiro	Ref. S. Fiel
José	19 »	Estufador	»
Joaquim	19 »	Tipografo	Tut. Coimbra

O Herlander, por ser uma vocação intelectual, é hoje bolsheiro da Casa Pia e frequenta o curso dos liceus, tendo sido classificado com nota de dezasseis. Nós não queremos fazer doutores, mas se no meio desta fauna aparece um brilhante em bruto, temos de o lapidar.

REDACÇÃO

Casa de

(Cele) P.

WAW

D.

WAW

D.